ANO 32.º — Sábado, 23 de Dezembro de 1939 — N.º 1608

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

Da hora que passa

=o=

Vai acêsa a luta entre os povos que se dizem civilizados, mas que estão procurando destruir-se pela violência com o fim de conquistarem no mundo determinadas posições.

Os jornais vêm cheios de pormenores do que se está passando em terra, no mar e no ar.

Um horror!

Os prejuizos materiais avolumam-se dia a dia; a perda de vidas regista-se de instante para instante.

E' a guerra com tôdas as suas consequências inerentes ao motivo que a originou.

Ha lances de tragedia que fazem estremecer; actos de heroicidade que causam admiração. No primeiro caso podemos incluir o dramatico fim do couraçado alemão *Admiral Graf von Spee*, que, para evitar a sua destruição pela frota anglo-francesa, à saida do porto de Montevideu, onde se refugiára após renhido combate nas imediações, preferiu afundar-se voluntariamente, não restando já dele qualquer vestigio; no segundo temos a defesa da Polonia e da Finlândia — encarniçada, patriotica, épica.

E se os homens que dirigem os destinos das nações se entendessem e procurassem encontrar a solução dos problemas, sem atritos, não seria preferivel, mesmo para exemplo dos governados?

Nós entendemos que sim.

Por isso condenamos as atitudes guerreiras e fazendo ardentes votos pelo restabelecimento da ordem, muito estimaremos que o ano de 1939 leve consigo tudo quanto possa concorrer para a infelicidade dos povos, separando-os como inimigos em vez de os aproximar, de os unir e tornar sincèramente amigos.

Uma faculdade de jornalismo?

— o —

De Madrid transmitiram à imprensa diária que consta estar para breve a criação duma Faculdade de Jornalismo em Espanha, da qual se esperam óptimos e importantíssimos resultados...

Que pena não ser cá!

De entrada, tinhamos ai dois catedráticos de trus: o *mestre* e o *padre veneno*. Mesmo sem curso nem concurso eram capazes de fazer êsse sacrifício por três contos por mês—a bem da nação...

Sarau de arte

—o—

Ficou sem efeito a vinda a esta cidade da Tuna Universitária do Porto, que anunciou um sarau para a noite de terça-feira, no nosso teatro.

Foi pena.

Transcrições

O diário *Notícias de Evora* e *Diário de Coimbra* transcreveram as nossas locais—*Assim, como viver?* e *O preço do papel* a que alguns semanários também aludem, dando-nos a sua solidariedade.

Agradecemos.

Efemérides

23 de Dezembro

1307—Os patriotas suiços terminam com o dominio, sempre pesado, dos reis e fundam definitivamente a República.

1904—Realiza-se em Lisboa um grande banquete em honra dos deputados republicanos presidido pelo dr. Magalhãis Lima.

1908—Efectua-se na capital o enterro do general Bento José da Cunha Viana, falecido na véspera, encorporando-se nele o Partido Republicano em virtude de ter sido um antigo colaborador da *Democracia*.

Festa escolar

—o—

Na escola feminina da Glória efectuou-se ontem de tarde uma interessante festa comemorativa do Natal, com números de canto, recitativos, distribuição de brinquedos, *lunch*, etc.

Só no próximo número a ela nos poderemos referir com maior latitude.

Linha aérea Lisboa-Paris

=—=

Foram na terça-feira inauguradas as carreiras entre as duas capitais pelo avião *Devoitine*, pilotado por Guillaumet, um dos grandes azes da aeronautica.

Por enquanto só se realisarão semanalmente, aos sábados.

O progresso e engrandecimento de Aveiro

constituiram desde a primeira hora a única preocupação das Câmaras presididas pelo ilustre e dedicado aveirense, dr. Lourenço Peixinho

O diário lisbonense *O Século* publicou no dia 6 do corrente a seguinte correspondência de Aveiro:

Esta cidade, uma das mais pitorescas e características do país, terra luminosa e alegre que tem na ria um incomparável motivo de atracção turística e a sua grande fonte de riqueza, procurou sempre acompanhar o progresso. Assim, embora o seu maior interesse esteja, sem dúvida, nas belezas naturais, na païsagem e no ambiente marinho, não tem descurado o seu aspecto urbano, o seu aformoseamento e modernização. Dentro dêsse sentido, algumas obras de vulto têm sido realizadas nestes últimos tempos, mercê da dedicação e esfôrço da sua Câmara Municipal, a que há largos anos preside um aveirense devotado e activo — o sr. dr. Lourenço Simões Peixinho.

Todos os melhoramentos já concluídos mereceram a atenção do *Século*, que tem tido ensejo de salientar os benefícios que deles resultam para o desenvolvimento da cidade.

Nem tudo, porém, está feito. Há ainda obras de subida importância, algumas mesmo de instante necessidade, que se encontram por efectuar. Umas estão já em projecto e espera-se que tenham breve realização; outras, porém, não passam de aspirações, pois os recursos camarários não permitem que em curto prazo possam ser transformadas em realidade.

Entre os projectos que os aveirenses esperam ver em brève executados destacaremos, de momento, os do Mercado Municipal, o de captação e abastecimento de águas e, ainda, o do alargamento e transformação das duas pontes centrais da cidade.

O novo mercado é uma obra considerada há muitos anos imprescindível pela dificiência e péssimas condições do actual, construído a título provisório. Tornou-se, portanto, uma das principais preocupações do Município que, já em 1924, mandou elaborar um projecto que não pôde levar a efeito devido ao seu elevado custo. Aguardando melhor oportunidade, deparou-se-lhe ocasião mais propícia quando ùltimamente o Estado nomeou uma comissão destinada a estudos sôbre a construção de mercados no país Desde então tem envidado os maiores esfôrços para que a cidade seja dotada de um amplo edifício para aquêle fim, com todos os requisitos modernos e conforme a categoria e as necessidades de uma capital de distrito.

O mercado ocupará uma área superior a 3.500 metros quadrados e a sua construção foi já posta a concurso

O projecto foi já elaborado pelo sr. eng. Manuel Quirino Pacheco e Sousa, e a localização escolhida obedeceu a um duplo fim: facilidade de abastecimento, quer por via ordinária, quer por via fluvial, e comodidade para a população. Ficará, por isso, situado no Largo do Côjo, ponto muito central, entre a grande avenida que liga o centro da cidade com a estação do caminho de ferro, a rua para a Central Eléctrica e o Canal da Fonte Nova. Será, de resto, ladeado por diversas ruas próprias, visto ficar ao centro do referido largo.

O mercado ocupará uma área de 3.618,88 metros quadrados, com fachadas de 68,80 m. e 53,60 m., comportando, assim, com facilidade, as maiores afluências de vendedores. Para as quatro ruas marginais abrirão 44 lojas destinadas a estabelecimentos e quatro amplas entradas ao centro das respectivas fachadas e nas quais serão estabelecidos lugares para venda de flôres. As lojas serão cobertas por um terraço, cujo acesso se fará por escadas interiores e numa parte do qual será edificada a habitação do guarda.

A parte central do edifício elevar-se-á sôbre os terraços e será coberta com fibro-cimento e vidro, em armadura de ferro, apoiada em pilares de cimento armado. Sob esta parte serão instalados os lugares para venda de géneros, hortaliça, legumes, peixe, etc. Terá uma lotação de 400 vendedores, distribuídos por 12 placas, distantes três metros umas das outras, e terá ainda espaços livres para depósito de utensílios e géneros. Nesse recinto serão instalados, para uso do público e lavagens, doze marcos fontenários, ligados à rêde de abastecimento de água da cidade.

As paredes interiores, tanto do mercado geral como das lojas, serão revestidas de azulejos e os pavimentos de mosaico e betonilha esquartelada.

Sob o ponto de vista arquitectónico o edifício é de concepção moderna, adaptado às condições próprias e, ao mesmo tempo que preenche uma grande falta, virá contribuir para o embelezamento da parte central da cidade.

A obra já foi posta a concurso há cêrca de dois meses, com a base de licitação de 1.503.650$00. Em virtude, porém, de ter havido um único concorrente e êste ter apresentado uma proposta superior 276.350$00 àquela importância, por motivo do aumento do custo dos materiais em conseqüência da guerra, a Câmara deliberou aguardar o resultado dos estudos a que mandou proceder sôbre êste inesperado contra-tempo.

E' de crêr, no entanto, que dado o seu desejo de levar a cabo êste grande melhoramento, procure dar uma rápida solução ao assunto.

Outro problema tem merecido as maiores atenções da Câmara: o da captação e forneeimento de água potável à cidade e sua destribuïção aos domicílios. Os estudos para tão importante e urgente melhoramento foram iniciados há cinco anos, mas dificuldades de vária ordem têm impossibilitado a sua execução. O sr. eng. Teixeira Duarte, encarregado dêsses estudos, realizou pesquizas em vários locais das proximidades desta cidade, chegando à conclusão de que em três dêsses pontos poderiam ser captadas as águas necessárias para a obra projectada. Um ficava junto à estação do caminho de ferro das Quintãs; outro, no vale do Carregueiro, nas imediações da Quinta do Picado, e o terceiro em Vale de Ilhavo.

O primeiro não pode ser aproveitado, visto a água alı existente ser diminuta e muito onerosas as captações e expropriações. Parecia, no entanto, mais indicado o vale do Carregueiro, que dista sete quilómetros da cidade, com água de boa qualidade e com capacidade para fornecer um caudal de 800 metros cúbicos por dia, e, nos quatro meses de estiagem, de 600.

Está à porta o Natal

Começa amanhã a quadra mais profundamente bela e mais profundamente emotiva do ano.

Portugal inteiro—podiamos dizer a humanidade inteira—recolhe-se ao silêncio bendito da sua alma para festejar dentro dela, com sinceridade e com grandesa, a criação do Mundo.

As festas de Dezembro têm, pois, um sentido espiritual e transcendente. A Humanidade canta e exulta com elas porque elas cantam e exultam o seu princípio de paz, de harmonia, de solidariedade e confraternização. Façamos, portanto, da nossa parte tudo para que as festas do Natal nada percam da sua beleza, nem do seu admirável significado—nem mesmo da sua formosa e encantadora ingenuidade. Procuremos que todos esqueçam nesses dias as suas mágoas, as suas tristezas e até as suas privações para que dentro dos lares portugueses só a alegria viva e a satisfação perdure.

Nós sabemos que os tempos que passam não são de rosas. As dificuldades são o pão nosso de cada dia e as dôres o rosário de todos os momentos. Contudo, até onde o infortúnio é maior, até aí esvoaça a aza alada da Esperança. Saibámo-la aproveitar. Procuremos que uns e outros se olhem alegremente e que uns e outros tenham nesta quadra o bastante para si e para os seus.

Não falta por êsse país fóra quem se entregue à piedosa e simpática missão de vestir os nús e de socorrer os que têm fome. Lembraremos, porém, a Campanha de Auxílio aos Pobres no Inverno, criada pelo Estado Novo, que tem por fim, justamente, recolher dos mais ricos para distribuir aos mais desamparados.

Portugal nunca foi uma nação interesseira. Todo o bem que possuia gostou sempre de o repartir pelos demais. Isso revela nitidamente o carácter e a nobreza dos seus sentimentos, que sempre estiveram ao serviço da Humanidade. Não os pode negar, agora, quando mais são necessários e quando a miséria bate à porta de tantos lares que ainda ontem viviam na abundância ou numa relativa mediania. A C.A.P.I. confia nêles, certa de que não faltarão com o seu generoso tributo nesta hora ansiosa e amargurada. Não é uma esmola que se pede, no entanto. E', antes, por muitos motivos, um dever que se lembra e que todos têm a cumprir.

De norte a sul de Portugal há inumeras pessoas que não têm o indispensavel para o seu sustento e quási um pequeno farrapo para cobrirem o corpo. Vamos nós remediar o mal, dentro do possivel, oferecendo á C. A. P. I. os elementos que lhe permitirão encher de alegria os lares que apenas são ricos de sofrimentos, de sacrificios e de esperança. Mostremos que sentimos o o que há de grande nas festas de Dezembro e que nos orgulhamos de, pelo menos uma vez no ano, termos contribuido para a felicidade dum ser ou duma familia.

O *Democrata* aproveita o ensejo para dirigir aos seus assinantes, amigos, colaboradores, anunciantes e colegas cordeais cumprimentos, desejando a felicidade de todos.

Mário Duarte

—o—

Ainda se não apagou, nem tão cedo se apagará, a impressão causada pela morte do antigo *sportman* e nosso velho amigo, tendo continuado a receber-se diariamente, na Casa do Carril, numerosa correspondência de diferentes partes do país, dando conta da maneira como foi recebida a notícia do infausto acontecimento.

E' que Mário Duarte, devido à afabilidade do seu porte, possuia inúmeras simpatias e uma roda de amigos que dificilmente o esquecerão.

Em sufrágio da sua alma foi resada uma missa, no último sábado, na igreja do Carmo, a que assistiram numerosas pessoas, sendo no final dêsse piedoso acto, distribuidas esmolas aos pobres.

A imprensa do distrito e a desportiva tem-se referido à sua morte em termos expressivos, pondo em destaque a nobresa de sentimentos e outros predicados que exornavam o carácter dêsse espírito de *élite* que para sempre deixou o mundo.

Em Lisboa foi também celebrada uma missa na igreja dos Mártires com a assistência de grande número de sócios do Club Tauromáquico onde Mário Duarte contava imensas simpatias.

Êste número foi visado pela Censura

IMPRENSA

Ocidente

Foi distribuido e encontra-se à venda o n.º 20 da revista dirigida por Manuel Múrias e Alvaro Pinto, que continua em pleno êxito devido incontestàvelmente à escolhida colaboração nela inserta.

Aproveitamos o ensejo para apresentar ao segundo as nossas condolências pela perda de sua amantissima Esposa.

Revista dos Centenários

Saiu o n.º 11, correspondente ao mês de Novembro, no qual se continua a propaganda das comemorações de 1940 de cuja Comissão Executiva é órgão.

Traz, como os anteriores, bons artigos e excelentes gravuras.

Correio do Vouga

Este colega local acaba de festejar o seu 10.º aniversário e o primeiro da diocese restaurada, de que é órgão, com um número especial de oito páginas, impresso a côres, e com artigos adequados.

Felicitamos o *Correio do Vouga*, que bem podia, dadas as suas relações no céu, pedir a Deus para interceder a nosso favor junto da indústria papeleira, levando os homens a ser mais humanos, menos egoistas e gananciosos.

Os portugueses do Brasil e Eça de Queiroz

—o—

Os portugueses do Brasil são — como todos sabem — uma grande fôrça. Não há iniciativa verdadeiramente nacional que os não encontre prontos, a postos para contribuírem com uma voz de—*presente*—a quanto lhes seja solicitado.

Mas não é apenas com os grandes movimentos colectivos que vibram, entusiàsticamente, os portugueses do Brasil. Também, e com freqüência, partem expontâneamente do seu coração e da sua inteligência as mais generosas iniciativas. E' o caso desta ideia, singularmente expressiva, de ser erguido, a expensas da colónia portuguesa do Brasil, um monumento a Eça de Queiroz, na Póvoa do Varzim. Eça de Queiroz é um nome que liga os dois países por sôbre o vasto Atlântico.

Atenção para a 4.ª página

Como, no entanto, o caudal seria insuficiente, segundo o cálculo feito para o período de 50 anos, tornar-se-ia necessário ir buscar a Vale de Ilhavo, a mais de um quilómetro de distância, a água restante para atingir um volume de consumo de 1.800 metros cúbicos por dia. Este local poderia fornecer até 6 mil metros cúbicos diários, a avaliar pelas três abundantíssimas nascentes ali descobertas, ou seja tôda a água necessária para satisfazer as futuras necessidades da cidade.

E' de notar que a captação no vale do Carregueiro não obrigaria a fazer qualquer elevação, pois encontraria o declive suficiente para chegar a Aveiro com pressão bastante para três quintos da cidade, sendo sòmente necessária, portanto, a elevação para os restantes dois quintos. Para a ligação da água do Vale de Ilhavo com a do vale do Carregueiro seria preciso elevá-la a 20 metros de altura.

A obra, desde que se aproveitassem êstes mananciais, custaria cêrca de 3.500 contos, ou sejam 3 mil para a captação e condução da água desde o vale do Carregueiro e mais 500 para a ligação entre aquele local e o Vale de Ilhavo.

Os estudos estão feitos, mas o projecto ainda não foi concluído.

O alargamento das duas pontes centrais é uma obra que se impõe para maior facilidade do trânsito

Aveiro tem já hoje um movimento muito apreciável, mercê da sua privilegiada situação, da magnífica rêde de estradas que a servem e da sua vida própria, dia a dia mais intensa. Algumas das suas artérias, mais amplas, permitem trânsito fácil e desafogado. Outras, porém, antigas e estreitas, oferecem más condições para o crescente movimento. Neste caso encontram-se particularmente as duas pontes centrais do canal principal da ria. Ponto obrigatório de passagem, atravessada, continuamente por veículos de tôda a espécie, as duas pontes têm exígua largura e as suas entradas tornam-se bastante perigosas, especialmente para as camionetes de grandes dimensões. Há muito que se pensa na sua modificação e já mesmo foram elaborados dois projectos destinados a dar-lhes as necessárias condições para o movimento actual. Um dêles prevê a ligação das duas pontes. Essa ligação, parece, no entanto, que não é, porventura a solução mais indicada, pois de certo modo diminuiria o característico aspecto do local, ocultando uma parte da ria, numa extensão de quási 50 metros. O outro limita-se ao alargamento de cada uma das pontes e a facilitar-lhes o acesso, dando maior raio às curvas de entrada.

Um e outro apresentam as suas sugestões para a modernização desta parte central da cidade, qualquer delas com interessante sentido estético.

A efectivação desta obra tem sido protelada por motivos vários. Parece, todavia, que a Câmara Municipal e Comissão de Turismo continuam na disposição de a levar por diante, pois as vantagens que dela resultam são bem claras e a sua necessidade é reconhecida.

Pode demonstrar êsse propósito o facto da Câmara ter deliberado, há pouco, construir uma nova ponte para peões, junto ao Rocio, com o fim de descongestionar o trânsito das citadas duas pontes centrais. E' êste um melhoramento muito interessante se atendermos ao que poderá contribuir para valorizar o aspecto do canal central. Nem assim, contudo, o problema do trânsito ficará resolvido de maneira satisfatória, pois os veículos continuarão a utilizar-se apenas das duas antigas e acanhadas pontes, uma das quais, a das Almas, mal dá passagem ás grandes camionetas.

A Câmara encara, também, a possibilidade da substituïção do actual matadouro

Há, ainda, outras obras de real interêsse que se encontram já projectadas, ou para as quais se fizeram nos últimos anos os estudos preliminares.

Certamente não poderão ser tôdas executadas com aquela urgência que seria para desejar, mas a sua importância e necessidade leva-nos a recordá-las.

Lembramos, por exemplo, a rectificação do canal da Fonte Nova, da doca do Côjo, até às Agras, e a construção de duas largas ruas marginais.

Este melhoramento será de grande valor, porque servirá o futuro mercado que, como atrás dizemos, deve ser edificado junto àquele canal.

A substituïção do Matadouro é outra necessidade já prevista pela Câmara que, para êsse fim, adquiriu, nas Agras, uma extensa área de terreno. Há um projecto concluído que já foi sujeito ao parecer da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

São êstes, porém, os melhoramentos que maior viabilidade têm de breve realização e aqueles que, por sua valia, mais merecem ser destacados.

A Câmara, a Comissão de Turismo e as entidades a quem está entregue o progresso de Aveiro cuidadosamente têm estudado as realizações que se encontram dentro das suas possibilidades.

Devemos, por isso, confiar nos seus desejos de bem servir a cidade, melhorando-a e modernizando-a cada vez mais, reparando as faltas que se notam, completando a obra que já está realizada e permite colocar Aveiro a par das outras capitais de distrito, da sua categoria.

E' oportuníssima esta descrição dos importantes melhoramentos citadinos que a Câmara tem em vista, há muito, realizar e aos quais o *Democrata* também já fez várias referências. E dizemos que é oportuníssima por vir demonstrar, mais uma vez ao *mestre* e aos imbecis que aí dão sentenças, arvorados em intelectuais, a sem razão das suas críticas à administração camarária quando nunca a viola esteve em mãos de melhor tocador...

Não se fez ainda o mercado?

Não se canalizou ainda água para os domicílios, problema difícil e dispendioso, nem se construiu a rêde de esgotos recomendável pela higiene?

Não estão ainda as ruas modernamente pavimentadas nem edificado o novo Matadouro?

São tão bonzinhos, certos tipos!

A Câmara de Aveiro é de exíguos recursos e tem despesas obrigatórias elevadíssimas. Muito há feito ela com os seus escassos rendimentos. E que não descurou o resto patenteia-o sempre que vem a talhe de foice, não vão os aveirenses julgar que se esquece um momento só que seja dos compromissos tomados.

Eis a questão.

E como *Roma e Pavia não se fizeram num dia*, aguardemos, porque a viola continua nas mãos do tocador...

Portugal e Espanha

O primeiro acto de paz da Espanha nova foi o Tratado de Amizade e Não-agressão com Portugal. O primeiro convénio comercial assinado pela Espanha nova foi o que regula as suas trocas com Portugal.

Esta «coïncidência» quere evidentemente dizer muito. Ensinando os novos caminhos do Atlântico, do Indico e do Pacífico, ao mesmo tempo que — pelos Pirineus — mantinha a ligação entre a Europa e o Mundo Novo, a Península realizou a obra mais notável dos tempos históricos, riscou o traço de união Europa-Mundo. A condição essencial para que se mantenha em tôda a sua fôrça essa obra de interêsse mundial (além da independência dos dois povos peninsulares) é a amizade luso-espanhola e foi Salazar o primeiro Homem de Estado português que teve a argúcia e a inteligência diplomática necessárias para realizar a obra de aproximação e entendimento.

Para os pobres

—x—

O sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações determinou que fôssem concedidos aos governadores civis do continente e ilhas 370 contos destinados a serem distribuídos pelos desempregados e necessitados por ocasião do Natal e Ano Novo.

Ao distrito de Aveiro couberam 10 contos.

Melhor do que nada.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO

CARTA DE LISBOA

21 de Dezembro de 1939

Evocação de Sidónio

A-propósito da passagem do 21.º aniversário da morte de Sidónio, Lisboa teve, mais uma vez, ocasião de prestar à memória do grande Presidente, última flôr da Cavalaria que desabrochou e floriu em terra de Portugal, as maiores e mais sentidas homenagens. Compreende-se, de resto, que assim tenha acontecido. Sidónio foi o primeiro português que pôde cantar vitória contra a demagogia, foi o primeiro que pôde tentar realizar o velho sonho, em que tanta e tanta mocidade se queimou, de salvar a Pátria da «apagada e vil tristeza» em que jazia. Não pôde levar até final a sua acção redemptora, mas nem por isso a sua obra, o seu «panache» admirável, a sua figura de cavaleiro quási lendário, deixaram de conquistar o coração e a alma do povo português, que ainda hoje presta à sua memória o culto enternecido da mais acrisolada devoção.

Lembrar Sidónio é lembrar tôda a luta, sem quartel, em que se empenharam quantos desde sempre sonharam com um Portugal melhor. De-certo modo a Revolução Nacional de 28 de Maio é obra do espírito sempre vivo de Sidónio. Tem-se dito mais duma vez, mas nunca é demais repeti-lo, que os cadetes de Sidónio, almas moças tôdas votadas ao amor da Pátria, que com êle estiveram na Rotunda, foram 11 anos depois os tenentes bravos e decididos com que Gomes da Costa contou para a arrancada de Braga. Por isso não se exagerará nunca quando se afirmar que a Revolução Nacional de 28 de Maio teve ainda a animá-la o espírito moço, decidido e patriota de Sidónio, a quem Lisboa, repetimos, prestou, novamente, a homenagem, aliás merecidíssima, da sua eterna saüdade.

Portugal e a condenação do Comunismo

A atitude de Portugal perante o Comunismo acaba de ter a mais justa como retumbante consagração com a escolha feita, na S. D. N., do nosso país, para presidir à Comissão Especial encarregada de julgar o apêlo da Finlândia, perante a agressão comunista. A indicação de Portugal entre catorze nações se é uma homenagem à inteireza da nossa política internacional não é menos uma consagração da nossa atitude de irreconciliação com a Rússia comunista. De facto fomos nós um dos poucos países que em 1934 nos erguemos contra a entrada da Russia no organismo genebrino. Fizemos tudo quanto pudémos para evitar que a Soviécia tivesse lugar entre as nações civilizadas. Os que então não quizeram ouvir as nossas razões, são os primeiros a prestar-nos, agora, justiça.

Razão tem, pois, Charles Maurras, o insigne pensador francês, quando, há pouco, falando acêrca da necessidade da criação duma «Federação Latina» em que todos os povos se inspirassem honrando, assim, a influência que principalmente Portugal e Espanha exercem na America Latina, escreveu:

«Era excelente e belo que de Lisboa ao Rio de Janeiro, sobre o espaço atlantico pudessem voar palavras como as que pronunciou Caeiro da Mata, presidente da Comissão Especial que, na margem do lago Leman, examinou o apêlo da Finlândia». E' fora de duvida que Caeiro da Mata teve o nobre mérito de poder reproduzir em 1939 o que já tinha dito em 17 de Setembro de 1934 e sempre em Genebra contra a admissão de sovietes na Sociedade das Nações».

E', de facto, este mérito de que falam Maurras que nos dá nas presentes circunstancias uma autoridade que raros países possuam.

A acção do S. P. N.

A fazer fé pela nota publicada pela imprensa, é maior, êste ano, o número dos concorrentes aos Prémios Literários do S. P. N. que nos anos anteriores. Prova-se assim que aumenta, cada vez mais, o interêsse pela admirável iniciativa que teve a honra de iniciar, entre nós, a tão necessaria política do Espírito em boa hora começada pelo S. P. N. e tão patrioticamente realizada pelo Estado Novo sob a égide de Salazar.

GIL DO SUL

Os prejuízos da ria

Com êste titulo, *O Ilhavense* comentou da seguinte maneira a local aqui transcrita de *O Concelho da Murtosa*:

«Vê-se, portanto, que as margens da ria continuam a ser prejudicadas pelas águas salmouradas que entram pela barra, ocasionando prejuizos nos juncais e estabelecendo assoriamentos que impedem o curso da navegação para qualquer ponto da Murtosa.

Lá como cá. A ria da Costa Nova, outrora tão opulenta de moliços e peixe, está presentemente assoriada, perdendo-se por completo aquele manancial de bom adubo, que era a riqueza da região, e o peixe, especialmente a enguia, desaparece porque não tem abrigos onde se recolha ou defenda.

A areia, arremessada em caladupas pelas Portas de Agua, vem depositar-se nas anfractuosidades do leito da ria e nas suas margens, cobrindo já terrenos de óptima produção e dos quais se pagam ao Estado pesadas e crescentes contribuições.

Tôda a gente sabe isto. Para ninguém é desconhecido que a invasão das areias na ria da Costa Nova começou logo a seguir à abertura das Portas de Agua, dessas malfadadas Portas de Agua que ninguém sabe para que servem ou a que principio obedeceu a sua abertura. E assim a ria, lentamente se foi assoriando, e agora precipitadamente, após os trabalhos na barra realizados.

Nós já temos dito isto muita vez. E tantas que até já fomos mimoseados com formidáveis parelhas, por quem nunca soube dar outra coisa, por disso rão gostar. Mas a verdade é verdade. E a verdade, nua, crua e transparente é que a ria da Casta Nova se inutilizou, quási por completo, depois que *mexeram* no porto marítimo de Aveiro.

Ainda mais uma vez repetimos que é com mágoa que dizemos isto. Que o nosso amor ao rincão onde nascemos não pode ser pôsto em dúvida por ninguém. Mas a verdade acima de tudo. E a verdade é que o largo estuário de Aveiro, a sua outrora rica e formosa bacia hidrográfica, tem sido esquecida e desprezada até ao estado em que se encontra, tendo ultimamente contribuido para isso as obras, sem proveito, na opinião de alguns, levadas a efeito na nossa barra.

Além dos prejuizos citados há ainda os da navegação fluvial. Em muitos pontos da ria há que esperar pelas marés vivas para passarem barcos e bateiras para o seu destino. E ainda assim às apalpadelas, de vara na mão, *guiando* aqui, segurando acolá, *descambando* para um fundo ou resvalando para um cabeço, lá vão os seus tripulantes num trabalho exaustivo e perigoso pela ria em fora.

E' esta a actual situação da ria da Costa Nova e não deixa de ser a de tôda a laguna correspondente. E a confirmar a verdade lá está *O Concelho da Murtosa* pondo os pontos nos i i com tôda a propriedade dos quicxosos.

E' realmente digno de aplauso o projecto do engenheiro sr. Tavares de Sousa, porque, na realidade, para benefício dos confinantes da ria, prejudicados pela subida extraordinária das marés, nada melhor se poderá fazer, sem grande dispêndio de dinheiro, do que murar a propriedade ribeirinha a cimento ou mesmo a torrão, aproveitando-se as areias e lamas que embaraçam a navegação da ria para a sua consolidação exterior e levantamento do terreno, em defesa dessas marés.

Para êsse fim são precisas dragas. Dragas que devem vir para o serviço da ria e não irem da ria para outra parte, como sucedeu com a *Salazar*, que tão bons serviços aqui estava prestando.

Enfim: a ria de Aveira e os seus terrenos marginais precisam de protecção. Será bom que se olhe a valer pela sua segurança, não esquecendo que os seus proprietários são portugueses e teem tanto direito à vida como aqueles que até hoje os têm esquecido.

C.

As coisas são o que são e contra factos não há argumentos que valham—dêem-lhe as voltas que quizerem.

Pelo menos foi sempre assim.

Secção Desportiva

Basket-Ball

No campo do Parque e perante numerosa assistência, realizou-se, domingo, o anunciado encontro entre o *Ginásio*, de Leiria, e o Liceu de José Estêvão.

Venceu o visitante por 40-28.

A partida, que era aguardada com interêsse, satisfez plenamente, não só porque os contendores tivessem desenvolvido um jôgo algo aperfeiçoado, como também devido à correcção com que todos os elementos actuaram.

O grupo leiriense, possuidor dum conjunto bastante homogéneo em desmarcações e lançamentos debaixo do cêsto, impecáveis, fracassou estrondosamente quando lançava de longe.

Os defesas, que brilharam na construção de jogadas, lançaram sempre em bôas condições e os avançados, quando tinham de defender o seu cêsto não o fizeram com tanta precisão, deixando-se, até, bater com relativa facilidade pelos dianteiros contrários.

O Liceu teve, nos seus avançados, o melhor compartimento do grupo. Os defesas não corresponderam ao brilhantismo dos seus companheiros.

Os grupos alinharam e marcaram: pelo *Ginásio*, Baptista, Jerónimo (4), Paiva (6), Rijo (14), Pereira (14) e Rocha (2); e pelo Liceu, Ricardo, Encarnação, Toni (10), Laranjeira (14), Corujo (4) e Lemos.

Dos vencedores gostámos, sobretudo, de Rijo. Os restantes actuaram com homogeneidade.

Dos vencidos Laranjeira e Toni foram os melhores. Corujo foi também um bom elemento, mas como lançador foi inferior aos companheiros. Ricardo e Encarnação, como já dissemos, não nos agradaram. Lemos, que substituiu Ricardo durante 10 minutos, na segunda parte, foi, sem dúvida, o melhor dos defesas.

A arbitragem, confiada a Aurélio Fonseca, agradou.

A.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria Helena Ferreira Henriques, esposa do sr. dr. Joaquim Henriques, médico local; a interessante Adozinda Fernandes Cevada, de Eixo e o sr. Elviro Lima Duque; ámanhã, o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu José Estêvão; no dia 25, as sr.as D. Rosalina da Conceição Neto e D. Natalia Faias Garcia Couceiro, esposas, respectivamente, dos srs. Cipriano Neto, chefe da secretaria da Camara Municipal e Eugenio Couceiro, residente em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); a menina Natalia de Oliveira Lemos, filha do sr. Abel Lemos, ausente em Cassequel (Angola) e os nossos amigos dr. Abilio Justiça, distinto oftalmista em Coimbra, e Mario Duarte (filho), consul de Portugal em Trindade; em 26, a sr.ª D. Celeste Freitas Fidalgo, esposa do sr. Benjamim Ferreira Fidalgo, comerciante local, e o filho Elio, do nosso amigo António Vicente Ferreira, tesoureiro da Camara; em 27, o sr. Lourenço da Paula Dias, da Fundição Aveirense; *em 28, o nosso amigo Henrique Ramos,* da Foto-Central, *e o sr. tenente Joaquim de Matos, de Infantaria 10; em 29, o nosso velho amigo dr. Joaquim A. de Azevedo e Castro, juiz da 3.ª vara civel de Lisboa, e a inocente Maria Manuela, filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel.*

Casamentos

Na Sé Catedral, realizou-se na madrugada de domingo o casamento da elegante tricaninha Bebiana Freitas, filha do habil artista canteiro sr. Antonio de Freitas, com o sr. Primo da Naia Pacheco, emdregado nos escritórios da Ceramica Aveirense, do Canal de S. Roque.

Serviram de padrinhos a sr.ª D. Nazaret de Jesus Rocha e o sr. Antonio Morais da Cunha, tendo os recem casados, após o habitual copo de água, seguido para o Porto em viagem de núpcias.

—Tambem no mesmo dia se consorciou com a interessante tricaninha Margarida Teles de Miranda, filha do sr. Manuel Miranda, o sr. Carlos Augusto Pires, furriel de Infantaria 10.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus tios sr. José Monteiro Miranda e esposa, e pelo noivo, o sr. Afonso Henriques Miranda e tambem sua esposa, tendo assistido outros convidados.

—No Porto tambem há dias se uniu pelos laços do matrimonio o sr. Humberto de Brito Tavares Pinto, neto do nosso saudoso amigo Alfredo Cesar de Brito, com a sr.ª D. Maria Helena Gomes Pinto, natural de Lisboa e filha da sr.ª D. Carolina Gomes Pinto e seu marido o sr. José Gomes Pinto.

A cerimonia religiosa teve logar na igreja de Santo Ildefonso, tendo servido de padrinhos, por parte do noivo, seus pais, e pela noiva sua tia a sr.ª D. Maria José de Brito e Beça e o sr. José Fontes.

Aos novos lares desejamos as mais venturas.

— Para o sr. dr. Francisco Lourenço, que há pouco terminou os seus estudos na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, foi no domingo pedida a mão da sr.ª D. Maria José de Lima Peres de Almeida, gentil e prendada filha do sr. major António Ernesto de Almeida, de Infantaria 10.

O enlace efectuar-se-á brèvemente.

Gente nova

Teve o seu bom sucesso na penultima terça-feira, dando à luz um menino, a esposa do nosso amigo Serafim de Oliveira, 2.º sargento de Infantaria 10, a quem felicitamos.

Mãi e filho encontram-se bem.

Partidas e Chegadas

Com pouca demora estiveram nesta cidade os srs. José Nunes de Figueiredo, guarda-livros em Agueda; Joaquim António Vieira, empregado na filial do Banco N. Ultramarino de Ovar, e Idomeu Corado, residente em Coimbra.

— Em férias já aqui se encontram os estudantes José Maria S. Carinha e José Cristo, alunos de Direito em Lisboa.

Doentes

Bastante incomodada de saúde tem guardado o leito a sr.ª D. Rosa Malaquias Naia, esposa do coronel-farmacêutico sr. Francisco Marques da Naia.

Cartas a uma amiga de longe

Dezembro, 39

Amiga querida:

«O famoso templo de Efeso foi construido à custa de todcs os reis e povos da A'sia; o templo da sabedoria deve erigir se pelos trabalhos comuns de todos os homens».

Isto dizia um sábio ou um moralista de outros tempos. Se ele vivesse na nossa época teria de escrever assim: o templo da sabedoria deve erigir-se pelos trabalhos comuns de todos os homens e de todas as mulheres. Sim; porque actualmente a mulher tambem estuda, a mulher é tambem intelectual, de maneira que ela pode contribuir tanto como o homem para a construção desse templo grandioso. Não é ela médica? Não é advogada? Não é professora? Não está onde o homem trabalha? Não lhe faz, mesmo, concorrencia? A ciência tem, por isso, muito a esperar destes homens femininos.

...E ao ver passar as pastas de fitas de tantas côres que as universitárias, preocupadas com exames e lições, levavam debaixo do braço, eu pensava no futuro daquelas raparigas que serão as doutoras de amanhã. Preguntava a mim mesma se elas não seriam mais felizes em casa dos pais e mais tarde na delas, do que na vida escolar que as absorve completamente e as obriga a abdicar da sua qualidade de mulheres. Mas por outro lado, para os tempos que vão correndo, dificeis e de espectativa, não será mau que a mulher se prepare para a vida, a saiba ganhar por si só. Se essa «surpreza social» de que toda a gente fala alarmada e que, infelizmente, está adquirindo raizes mais longas que procuram terreno fértil para poder viver com maior exuberancia, se tornar uma realidade, o que não creio, talvez estas mulheres doutoras, pelas suas habilitações, tenham mais garantias do que as outras.

Com esta avalanche feminina às ocupações exercidas antigamente só por homens, não chegaremos a ver estes em casa, sem saber o que hão-de fazer para o jantar, inquietos por serem quási horas da consorte vir do emprego e o almoço estar atrasado, olheirentos por terem passado a noite a passear o menino que uma perrice fez chorar até de madrugada, aborrecidos por não terem tido tempo de coser as finas meias de sêda que a mulher rompeu?

Talvez seja o receio de chegar e este extremo, que leva alguns homens o olhar a mulher com maus olhos. Por isso vi há dias numa revista da actualidade duas comparações interessantes:

1.ª Um salão antigo. Móveis colossais, todos trabalhados. Por toda a parte bibelots *e faianças. No sofá uma dama empoada, complicada nas suas saias rodadas, na sua cabeleira mais alta do que a Tôrre Eiffel. Um cavalheiro, de joelho em terra pregunta-lhe, sorridente:*

—Senhora: dizei-me, se vos apraz, qual é o maior inimigo da mulher.

Ela tem uns segundos de hesitação e, finalmente, responde um pouco rosada e timida:

—E' o tempo, que nos rouba a beleza e a mocidade.

2.ª Uma sala moderna. Moveis de palmo e meio, lisos e polidos. Aqui uma jarra, ali o telefone, além a telefonia—mais nada. Num banquinho estofado uma senhora, simples na sua saia curta, nos cabelos penteados para trás. Um cavalheiro confortavelmente instalado num maple, *de perna cruzada, pregunta:*

—Você—diga-me—qual é o vosso pior inimigo?

Imediatamente ela responde, calma e desdenhosa:

—E' o homem, a quem nós fazemos concorrencia.

Os homens são, na verdade, ás vezes, um tanto injustos nas apreciações que fazem da mulher; mas não seremos nós um bocadinho culpadas dessa injustiça?

Se a nossa ambição não fôsse tão exigente e se satisfizesse com o saber da matemática o suficiente para fazermos as contas das despezas diárias de anatomia o bastante para sabermos dissecar um frango e de história apenas a da Carôchinha que iria fazer as delicias dos nossos filhos, os homens continuariam a implicar?

Talvez não...

Na minha opinião, a mulher moderna deve ser instruida, deve ter a que lançar a mão se, de um momento para o outro, necessitar, mas nada de exagêros, não é verdade, amiga querida?

Um abraço da

Zèmi

HOMENAGEM

Na sessão da Camara de quinta-feira foi resolvido dar o nome de Mário Duarte ao Estadio Municipal.

Aplaudimos a ideia por constituir uma justissima homenagem.

Mocidade Portuguesa

—o—

Por amável deferência do sr. Comandante de Infantaria n.º 10, os vanguardistas e cadetes do Centro Escolar n.º 2, do Liceu de José Estêvão visitaram, êste quartel, no sábado passado, pelas 15 horas.

A visita principiou pela parte externa do edificio, onde foi dada uma explicação completa da constituição e funcionamento de vários engenhos de guerra, findo o que o Director do Centro, sr. dr. Gomes Bento, proferiu algumas palavras de agradecimento e tirou duas lições morais daquela visita: uma respeitante à disciplina e outra ao emprêgo das máquinas de guerra observadas, afirmando que só deviam ser usadas em defesa do direito e da justiça.

Terminou por esperar dos filiados, futuros soldados de Portugal, o cumprimento rigoroso dos seus deveres para com a Pátria.

A seguir, prosseguiu a visita à parte interna do quartel, ficando os filiados muito bem impressionados com o asseio e ordem que notaram em todas as suas dependências e numerosas instalações.

Necrologia

Em Soure faleceu com 72 anos de idade o farmacêutico, sr. Francisco Amaro Rodrigues Pereira, casado com a nossa conterranea, sr.ª D. Alcina Mourão Gamelas Pereira, pai do sr. dr. Antonio de Carvalho Rodrigues Pereira, oficial do Registo Civil em Pombal, e cunhado do sr. major Amílcar Gamelas.

* * *

Em Ilhavo deixou de existir o sr. Julio Marques de Carvalho, irmão do nosso amigo Domingos Carvalho, professor aposentado.

A's famílias enlutadas, as nossas condolências.

Desafronta

—o—

Na noite dum dos ultimos domingos—o penultimo, se não estamos em erro—seriam 21 horas, deu-se no Bairro Novo da Figueira da Foz um caso que, pelo ineditismo e pelas consequencias que dele resultou, prendeu as atenções de quantos o presenciaram ou vieram a conhecer.

Narremos. Aparecera ali o engenheiro-agronomo Alberto Veloso de Araujo, residente no Porto, a indagar quem era o sr. Julio Vasco Martins Baptista, que se dizia agente comercial. Indicaram-lhe a casa dos pais, mas como não estivesse, foi procurado no Café Espanhol onde um dos criados, disso incumbido, lhe transmitiu o recado de que alguem o procurava com o desejo de lhe falar. O Baptista veio á porta e o engenheiro Araujo solicitou que o acompanhasse, pois lhe queria fazer uma pregunta. Dirigindo-se ambos pelo chamado *Picadeiro*, a certa altura, o engenheiro, mostrando ao Baptista uma carta, preguntou se a letra e assinatura eram dele. Titubiante, indeciso, sem atinar com qualquer saída airosa daquela critica situação, deu-se o inevitavel o engenheiro, puxando duma lamina de barbear vibrou na face esquerda do Baptísta um golpe extenso ao mesmo tempo que lhe dizia:

—Isto é para quando fôr ao espelho se lembrar de que não devia dirigir-se a senhoras casadas.

Aos gritos do ferido acudiu gente. O engenheiro, com toda a serenidade, desceu a rua e quando um guarda da P. S. P. se aproximava entregou-se á prisão.

No dia seguinte afiançou-se no Tribunal, onde declarou que era portador de algum dinheiro para esse fim.

O Baptista, esse, ficará para sempre marcado visto nada menos de doze agrafes terem sido empregados na soturação de ferida.

Como lição...

Agradecimento

Francelina Dias da Silva e família, reconhecidos, manifestam a sua profunda gratidão ás pessoas que durante a doença de seu saüdoso marido, Manuel Joaquim da Silva (o Rato*) se interessaram pelo seu estado e após o desenlace o acompanharam à última morada e lhes enviaram pêsames.*

Esgueira, 20 de Dezembro de 1939.

Correspondências

Costa do Valado, 21

Faleceu ontem na Gândara onde residia, depois de ter estado durante bastantes meses retido no leito, em conseqüência dum ataque de apoplexia, o lavrador Manuel Lopes Cyrilo, casado, de 68 anos de idade.

O extinto que, enquanto teve saúde, foi sempre um honrado trabalhador, era possuidor doutros predicados que o tornaram crèdor da estima dos seus conterrâneos.

O seu entêrro realizou-se hoje de tarde para o cemitério da Oliveirinha.

A tôda a família enlutada os nossos pêsames.

—Também em Ílhavo deixou de existir o mestre de obras, sr. Júlio Marques de Carvalho, irmão do nosso amigo Domingos Marques de Carvalho, professor aposentado, aqui residente, a quem apresentamos os nossos sentimentos.

C,

Esgueira, 20

Deixou ontem de existir no próximo logar da Quinta do Gato, onde vivia com uma filha, o sr. José Maria Rodrigues, que há muito tinha enviuvado.

Contava 72 anos e o seu enterro realizou-se para o nosso cemitério com grande acompanhamento.

A tôda a família enlutada e, em especial, a seu filho, nosso amigo Evaristo Rodrigues Lopes, as nossas sentidas condolências.

—Com a avançada idade de 90 anos, também se finou, no estado de viúvo, o sr. José Marques da Cunha, pai dos srs. António e João Cunha.

Aos doridos, os nossos pêsames.

C.

Camara Municipal de Aveiro

—x—

Concurso

A Camara Municipal do Concelho de Aveiro faz público que, por deliberação de 14 de Dezembro de 1939, por espaço de 30 dias, contados da publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, se acha aberto concurso de promoção entre os funcionários desta Camara, nos precisos termos do artigo 403.º do Código Administrativo, para o provimento do lugar de escriturário de segunda do quadro privativo da Secretaria, a que corresponde o vencimento de 600$00, lugar que se encontra vago em virtude de o respectivo serventuário ter sido promovido a aspirante.

Os concorrentes deverão apresentar os seus requerimentos dentro do prazo indicado, devidamente instruidos.

As provas práticas realizar-se-ão em dia e hora que oportunamente serão anunciados.

Paços do Concelho de Aveiro, 15 de Dezembro de 1939.

O Presidente

Lourenço Simoes Peixinho

Atenção para a 4.ª página

Jornais académicos

—o—

Não é coisa fácil no nosso país encontrar-se um jornal elaborado por estudantes liceais, que por alguma forma encerre algo de proveitoso no campo cultural.

Se por um lado as iniciativas dêste gênero já são poucas, por outro, aquelas que ainda nos aparecem são demasiado tímidas, fugídias, como de quem tem receio daquilo que afirma ou expõe. E isto muitas vezes porque tôdas estas manifestações teem como orientadores os próprios mestres, que para o espírito em embrião do estudante aparecem mais como juizes do que, afinal, como verdadeiros orientadores.

Os pontos de vista que desenvolvem por mais que tentem fugir dessa triste afirmação, não conseguem afastar-se dêste dilema confrangedor:-- ou são de aspecto conselheiral ou aproximam-se da banalidade.

Como exemplo inegável do que acima se diz, temos o reaparecimento do jornal *Caravela*, dos académicos do Liceu de Viseu, e cuja leitura, dum modo geral, mostra êsse quadro insípido, sem vigor e sem alento.

Se nos detivermos um momento, olhando a forma geral de tal publicação, sentimos repercutir-se dentro de nós um quê de desolação, por vermos que, infelizmente, hoje nem os rapazes conseguem já emancipar-se dessa espécie de jugo a que os habituaram, nem os seus orientadores oficiais atingem o desiderato de modelar aqueles cérebros, que alguma coisa de útil podiam fazer.

Merece-nos especial reparo umas tímidas afirmações de Estela Monteiro que, a-pesar-de já mulherzinha, tentou emitir uma série de pieguices que em nada se aproximam do *caminho do dever*, com que intitulou a sua narrativa.

E' pena que a vida não seja só feita de contemplação e romantismo, pois que dêsse modo a Estelinha estaria no seu elemento.

Primeiro porque manifestou cabalmente ter queda para, em vocábulos de dicionário e em motivos sem importância, desenvolver temas de verdadeiro romance.

Segundo por motivo de parecer predestinada à adoração em silêncio atravez das frondosas ramagens dos salgueiros, que deixam vêr ao longe águas espelhentas a espraiarem-se até junto das seculares carvalhas.

Pena é, de facto, que existam na vida outras coisas, que o coaxar das rãs em concerto com os grilos, com os lucas, não consigam afastar do cenário da existência êsse misto de fantasia e sonho que a sua imaginação teve o capricho de criar.]

Viseu, 1939.

ANTONIO TUDELA

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª publicação

No dia 7 do próximo mez de Janeiro, por 12 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, à Praça da Republica, por deliberação do Conselho de Familia e interessados no inventario orfanologico que se promove por óbito de Antônio Simões Birrento e mulher Maria Rodrigues das Neves, que foram de Mamodeiro, freguesia de Requeixo, nesta dita comarca, vai á praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação, o seguinte predio:

Uma terra lavradia, no Salgueiro, limite de Mamodeiro, avaliada em 5.580$00.

Aveiro, 14 de Dezembro de 1939.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.ª Vara e em exercicio na 2.ª

Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção

António Augusto dos Santos Victor

Comarca de Aveiro
—x—

Editos de 20 dias

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Aveiro, 1.ª Vara e 1.ª Secção, correm editos de 20 dias a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando os crédores des conhecidos dos executados José de Deus da Loura e mulher Emilia da Loura, êle negociante e ela doméstica, de Aveiro, para no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem deduzir os seus direitos à execução hipotecária que contra aqueles executados moveu o exequente João Mateus Júnior, casado, marnoto, de Aveiro.

Aveiro, 4 de Dezembro de 1939

Verifiquei

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

Perestrelo Botelheiro

O Chefe de Secção

Julio Homem de Carvalho Cristo

SORTEIO

Os irmãos Angelo Ferreira Marques e João Marques da Cruz, do Marco da Oliveirinha, dão conhecimento aos interessados que a rifa que fizeram de uma bicicleta saiu no bilhete **n.º 399** e que estão prontos a entregá-la a quem possuir aquele número até ao dia 31 de Janeiro de 1940.

Comarca de Aveiro
—o—

Anúncio

2.ª publicação

Por êste Juizo, 1.ª Vara, foi aberta a correição, por espaço de trinta dias, a contar do dia um do próximo mês de Janeiro e a terminar no dia trinta e um do mesmo mês; e assim são por êste meio chamadas tôdas as pessoas que tenham queixas a fazer contra os funcionários dêste Juizo e Julgado Municipal de Vagos, sujeitos à referida correição, a apresentá-las em Juizo e em forma legal.

Aveiro, 7 de Dezembro de 1939

O Chefe da 1.ª Secção

Julio Homem de Carvalho Cristo

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

Perestrelo Botelheiro

A FECHAR

Boémios, dialogando:
— Sabes, que não encontro chapeu para mim em nenhuma chapelaria de Lisboa!
— O' homem! tão grande tens tu a cabeça?
— Não, não é isso; eu tenho a cabeça como toda a gente; o que eu queria era um chapeu fiado.